

Saúde não precisa de imposto para melhorar

3* JUL 1991

por Janes Rocha
de Brasília

O presidente da rede de hospitais Sarah Kubitschek, Aloysio Campos da Paz Jr. disse ontem que a criação da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF) não vai resolver o problema da saúde no Brasil e ainda poderá estimular a expansão da economia informal.

A rede Sarah, administrada pela Associação das Pioneiras Sociais, é considerada uma das melhores redes hospitalares do Brasil. Especializada em ortopedia e problemas do aparelho locomotor, a rede tem cinco hospitais (Brasília, Salvador, São Luís, Belo Horizonte e Fortaleza, este ainda em fase de implantação) que realizam 5,5 milhões de procedimentos e atendem 650 mil pessoas por ano.

A maior parte (76,6%) dos pacientes são assalariados de qualificação profissional baixa ou básica, ou pessoas sem ocupação formal, segundo perfil traçado pelo próprio hospital. A rede vive exclusivamente de recursos orçamentários da União. A verba destinada este ano para o Sarah é de R\$ 14 milhões mensais,

dos quais o ministério só tem, repassado R\$ 9 milhões.

Campos da Paz lembra que, de acordo com dados do Balanço Geral da União, o Ministério da Saúde gastou no ano passado R\$ 13,234 bilhões com custeio e pessoal. As despesas da rede Sarah com pessoal e custeio, deduzidos os investimentos, no mesmo período, totalizaram R\$ 79,6 milhões. Com a verba da saúde, diz Campos da Paz, seria possível manter 665 hospitais públicos, com o mesmo padrão de qualidade do Sarah.

O ministro da Saúde, Adib Jatene, vem defendendo a CPMF como a única saída para obtenção de recursos para solucionar o problema da saúde no País. E ontem ganhou o apoio público de 30 entidades ligadas à medicina que publicaram um anúncio na primeira página de um jornal de Brasília pedindo o "sim" da sociedade à CPMF.

Campos da Paz contesta o movimento e diz que, mais do que dinheiro, é preciso "mudar a lógica" do sistema de saúde pública no Brasil, baseado no lucro de quem atende o maior número possível de doentes e na complexidade das doenças.